

DESAFIAR O MITO AMERICANO BRANCO⁹⁸

Abraham Lincoln (1809 - 1865). O 16º presidente dos Estados Unidos (1861-1865), liderou a União durante a Guerra Civil, e emancipou os escravos no Sul (1863). Foi assassinado, logo após o fim da guerra, por John Wilkes Booth.

Abraham Lincoln, o 16º presidente dos Estados Unidos, guiou seu país em meio a mais devastadora experiência em sua história – a Guerra Civil. É considerado por muitos historiadores o maior presidente americano.



JLPC 1971

O 16º presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln preservou a União durante a Guerra Civil e concretizou a emancipação dos escravos. Dentre os heróis americanos, Lincoln carrega ainda um atrativo ímpar, reconhecido por seus co-cidadãos e também por estrangeiros. Este carisma advém de sua vida notável – a ascensão a partir de origem humilde, a morte dramática – e de sua inconfundível personalidade humana, bem como de seu histórico papel como salvador da União e emancipador dos escravos”.

Será alguém tão insano a ponto de supor que qualquer verdade a respeito de Lincoln, ou em relação à suas idéias, atos, aspirações e feitos serão escondidas e sepultadas fora da visão humana? Bobagem! A melhor maneira de contar toda a verdade é permitir que sua presença em si e sua perenidade esmaguem e destruam todas as mentiras.

⁹⁸ www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0874850851/qid=1079317723/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books

*William Henry Herdon*⁹⁹

“Vou dizer, então, que não sou, ou jamais fui de fazer gerar qualquer forma social e política de igualdade entre as raças branca e negra [aplausos] – que não sou, ou jamais fui a favor de transformar negros em votantes e jurados, nem de qualificá-los para o exercício de mandatos, nem de casarem-se com brancos; e vou acrescentar que existe uma diferença biológica entre as raças branca e negra, o que acredito impedirá para sempre as duas raças de viverem juntas em termos de igualdade política e social. E na medida em que não podem assim viver, enquanto estiverem juntas deverão ser mantidas as posições de superior e inferior, e como qualquer outra pessoa sou favorável à outorga à raça branca da condição de superioridade”.

Abraham Lincoln

A seguir, o prefácio e o capítulo 6° de *“Glória forçada”*¹⁰⁰, de Lerone Bennett Jr.

PREFÁCIO

No branquíssimo Mississipi, eu ainda criança, lendo para me instruir, quando descobri que *tudo* que me havia sido ensinado a respeito de Abraham Lincoln era mentira. Perplexo, incapaz de acreditar na mídia branca ou nos livros escolares, parti para uma pesquisa pessoal que não tinha por fim satisfazer algum fim didático, senão que salvar minha vida.

⁹⁹ William Henry Herndon, 1818-1891. Advogado, colega de Lincoln em escritório de advocacia, publicou popular, mas pouco confiável biografia de Abraham Lincoln.

¹⁰⁰ - *“Forced Into Glory – Abraham Lincoln’s White Dream”*, por Lerone Bennett Jr. Edição de 2000, por Johnson Publishing Company. www.amazon.com/Forced-into-Glory-Abraham-incolns/dp/0874850851/ref=pd_bbs_sr_1/002-3474432-2031213?ie=UTF8&s=books&qid=1183946661&sr=8-1

)

Parafrazeando Sartre (Jean Paul), fui salvo? Não, perdido.

Pois descobri que vivia num mundo Orwelliano¹⁰¹ onde estudiosos, com todos os graus que as universidades oferecem, podiam dizer com toda a seriedade que um separatista era um integracionista, e que um o defensor da supremacia branca era o mais luzidio símbolo de relações raciais e do Sonho Americano. A prova está no Memorial a Lincoln e na constatação de que sonhadores de todas as raças têm uma estranha compulsão de fazer-lhe peregrinação, a fim de contar os seus mais recônditos sonhos, de um milênio integrado, à fria, branca estátua de mármore da histórica figura cujo sonho mais profundo era o de ver a nação sem seus índios, sem os afro-americanos e sem Martin Luther King.

Pouco mais de trinta anos após meu primeiro encontro com o Abraham Lincoln que todos tentam esconder, sugeri que a revista *Ebony* publicasse uma história com o título: *Abraham Lincoln foi um adepto da supremacia branca?* Meus colegas disseram que o título não era bom, pois todos sabiam que Lincoln fora o grande emancipador. Disse-lhes em resposta que poderia provar haver sido Lincoln um defensor da supremacia branca e que a Proclamação de Emancipação havia libertado poucos, senão nenhum escravo.

Assim, riram quando me sentei à máquina de escrever.

Meu editor John H. Johnson disse que se eu pudesse provar minha tese, não hesitaria em publicá-la. Eu já possuía em minha mente um livro Lincoln, sempre considerando que ninguém seria capaz de editá-lo. Custou-me, pois, umas poucas semanas para produzir um rascunho no formato de livro, que veio a ser publicado, reduzido à matéria de revista, por *Ebony* em fevereiro de 1968.

Para minha surpresa, a história detonou uma controvérsia nacional. O *New York Times* e outros jornais publicaram editoriais condenatórios, e diversos colunistas sugeriram que a República se encontrava ameaçada. Para enfrentar essa ameaça, historiadores de plantão e escritores disponíveis partiram para o front, escrevendo matérias tentando provar

¹⁰¹ - Referência a George Orwell, escritor inglês, autor entre outras obras de "1984." e "A revolução dos bichos".

que eu era um militante do Poder Negro, e que Abraham Lincoln foi um amante do povo negro, à sua maneira pessoal. Num incrível artigo no *New York Times*, intitulado, “*Lincoln foi um branquelo*^{102?}”, Herbert Mitgang dizia ser racismo afirmar que Lincoln havia sido um racista por opor-se à cidadania e direitos iguais aos — nas palavras de Lincoln — “pretos¹⁰³ e os brancos... casando-se”.

Tratava-se de cortina de fumaça, pois quem conhecesse um pouco a respeito de Lincoln saberia que eu estava certo. Assim, após as hostilidades terem cessado, houve uma silenciosa reavaliação e um relaxamento geral dos aspectos mais ásperos do grande mito da emancipação.

Isso, todavia, não era o fim, pois embora poucos jornais tenham publicado em 12 de fevereiro¹⁰⁴ editoriais sobre o Grande Emancipador Branco, e embora poucos estudiosos hajam visto em Lincoln um modelo quanto ao relacionamento racial, há ainda uma tendência para exagerar sua participação na abortiva emancipação dos afro-americanos, e evadir o verdadeiro significado e ditames da Primeira Reconstrução, imperativos que são assinaladamente similares ao verdadeiro significado e imperativos da Segunda Reconstrução das décadas dos anos 1980 e 1990.

Ao mesmo tempo, quase sem ser notado, um crescente número de estudiosos, engajados na redenção de mitos docemente acalentados da Imaculada Emancipação e da Grande Guerra entre irmãos do Norte e o Sul (branco), fazem circular novas e aperfeiçoadas versões do mito, sugerindo que Lincoln se converteu no último momento, antes de seu trágico assassinato, ou que ele havia proferido todas as coisas horríveis relacionadas com a separação e deportação dos negros porque desejava vencer as eleições, como faria qualquer outro americano. Pior, muito pior, é o fato de poucos historiadores — John Hope Franklin¹⁰⁵, Vincent Harding¹⁰⁶, Robert Harris e outros — lidarem

¹⁰² - No original *honky*, palavra pejorativa para nomear brancos, no EUA.

¹⁰³ - No original *niggers*, ofensivo, ao invés de Negros, designativo da raça.

¹⁰⁴ - Data do nascimento de Lincoln.

¹⁰⁵ - Historiador erudito. Professor Emérito de Duke University.

com Lincoln e a Guerra Civil historicamente, ou seja, como um processo em desdobramento, e *uma ferida aberta* que continua infeccionando e envenenando o corpo político.

Parafrazeando Dwight Macdonald¹⁰⁷, então, a literatura americana era dividida em três: ficção, não ficção e biografias de Abraham Lincoln¹⁰⁸.

Esta *não* é uma biografia: é um estudo político dos usos e abusos de biografia e mito, e sugere, dentre outras coisas, que sua identidade — não importa a sua cor — é baseada, pelo menos em parte, naquilo que você pensa a respeito de Lincoln, da Guerra Civil e da escravidão.

Abraham Lincoln, ou outrem, disse certa feita que não se pode enganar todas as pessoas por todo o tempo¹⁰⁹. Ao transformar um racista, que idealizava deportar todos os negros, num símbolo de integração e irmandade, os fabricantes do mito Lincoln fizeram por provar que ele, ou quem aquilo proferiu, estava errado.

Minha posição aqui, em contando esta história, é de que a escravidão foi um crime contra a humanidade, e que não há esperança para nós até que atravessemos o grande equador de nossa história e confrontemos Lincoln, Lee¹¹⁰ e todos os outros participantes nesse nível. Comparei, aqui, Lincoln não com líderes do século 20, mas com homens e mulheres de seu tempo, e sugeri que uma das razões de ainda temos problemas raciais no

¹⁰⁶ - Vincent Harding foi associado de Martin Luther King e serve como Professor de Religião e Transformação Social em *Illiff School de Theologia em Denver*

¹⁰⁷ - Dwight Macdonald, (1906 - 1982) escritor americano político e cultural.

¹⁰⁸ - Na biblioteca do Congresso dos EUA, a maior do país, constam – julho de 2001 – 3.037 títulos sobre Abraham Lincoln. Dentre eles *Em busca de Lincoln, de Vianna Moog, escritor rio-grandense*, edição Civilização Brasileira, de 1968.

¹⁰⁹ - Em verdade, e o autor deve ter feito de propósito, o pensamento que está cinzelado no Panteão a Lincoln, em Washington, DC, é patrimônio da cultura universal, podendo ser encontrada em inglês, português ou em suaíle: '*Ng'enda thi ndeagaga motegi*'.

¹¹⁰ - Robert E. Lee (1807–70), general confederado, comandante do Exército do Sul, na Guerra de Secessão.

país é porque sistematicamente não temos dado a real importância àqueles que, diferentemente de Lincoln, acreditaram verdadeiramente na Declaração de Independência.

Sugeri finalmente que Lincoln é uma chave, talvez a chave, para a personalidade americana e que, aquilo que investimos em si, e *escondemos* nele, é o que somos.

Enfim, *“Glória forçada”*, não é em essência um livro sobre Lincoln, mas a respeito de raça, heróis, lideranças, moralidade política, erudição e o Sonho Americano.

Como já disse antes, despertei em minha mocidade atônito para as mentiras da História; mentiras escritas em livros e, mais importante, mentiras inscritas nos fatos. Deveria ter dito que, no mesmo período, e mais adiante, descobri uma outra história nas aulas de grandes professores negros, no ginásio Lanier, em Jackson, Mississippi, e na Faculdade Morehouse, em Atlanta, na Geórgia. Dentre esses mestres se encontravam magníficos artistas como M.V. Manning, Melvin Dow Kennedy, Robert Brisbane, E. B. Williams e Benjamin Eliajah Mays, que reviraram pelo avesso, como se faz com uma luva, a História Americana, fazendo grandes figuras como Frederick Douglass¹¹¹ e Harriet Tubman¹¹² bailar na pista de minha imaginação. E embora eu siga outro caminho aqui, considero-me em débito para com John Hope Franklin e Benjamin Quarles por seus livros pioneiros sobre Lincoln, bem como por sua vida e obra. Sinto-me em débito, também, a dois eminentes historiadores, Dr. John B. Duff e Robert Harris, e ao reverendo James W. Mack, especialista em história e filosofia, que leu meus manuscritos oferecendo sugestões críticas.

Duas palavras finais:

Primeira: Este não é o julgamento de uma personalidade; é a apreciação de um papel histórico, o papel — ou seria uma vocação? — de um amante de princípios, líder de um grupo que está oprimindo outro grupo por razões raciais, a despeito de seus princípios e por causa desses princípios. Segundo: Parafraseando Wendell Phillips¹¹³, num outro contexto, eu não julguei Lincoln, exceto pelas palavras de sua própria boca e fatos

¹¹¹ - Escravo, liberto, jornalista, ensaísta e diplomata.

¹¹² - Lendária “maquinista” da Ferrovia Subterrânea, mística rota de fuga de escravos do Sul rumo ao Norte e Canadá.

¹¹³ - Wendell Phillips (1811-1884) - Abolicionista americano.

defendidos por seus apologistas e defensores, incluindo Herndon (William H.), Sandburg (Carl), Randall (J. G.), Donald (David H.) etc. Não apregoei aqui que ele deveria ter sido perfeito, mas sugeri que deveria ter sido consistente, e que se o governo do povo era bom para a maioria branca de Illinois, deveria ser também para a maioria negra da Carolina do Sul. Não o critiquei por não haver chegado ao nível de Kings (Martin Luther, Jr.) e Mandelas (Nelson) de nosso tempo — deplorei o fato de ele não haver chegado ao patamar dos grandes líderes negros e brancos de seu tempo.

Lerone Bennet Jr.

Chicago 2000

O presidente Abraham Lincoln, dos EUA, foi honrado com o mais imponente mausoléu da capital deste país. O memorial a Lincoln foi construído entre 1914 e 1917, projetado pelo arquiteto Henry Bacon. Inspirado em templo grego, abriga uma estátua gigante do reverenciado, criada pelo artista Daniel Chester French, e dois murais do pintor americano Jules Guerin. Na base da estátua está cinzelado o pensamento a ele atribuído: *"Se pode enganar alguns o tempo todo;*



todos, por algum tempo; mas não se podem enganar todos, por todo o tempo¹¹⁴".

JLPC 1971

Lerone Bennett Jr., no capítulo 6, de seu livro "Glória forçada", usa como título uma alegoria ao pensamento:

ENGANANDO TODOS, TODO O TEMPO

"Nenhum de seus atos públicos, tanto antes ou depois de se tornar presidente, mostra qualquer ternura para com a raça africana, ou qualquer comiseração extraordinária para com esses. Ao contrário, invariavelmente, em palavras e ações, preteriu os interesses dos negros em favor dos brancos, e expressamente subordinou uns aos outros. Quando se viu compelido, pelo que julgava um imperativo inarredável, baseado em considerações militares ou políticas, a declarar a liberdade dos inimigos públicos escravos, fez com relutância declarada, e empenhou-se em deixar claro que sua decisão não estava contaminada por sentimento". Ward Hil Lamon

"História não é História, a menos que seja a verdade". Abraham Lincoln.

¹¹⁴ - Jomo Kenyatta, líder da independência do Quênia, em uma fábula de sua autoria, cita, em suaíle, uma das línguas nacionais de seu país, o seguinte: ***Ng'enda thi ndeagaga motegi***, que significa o mesmo.

Por omissões e evasivas, por meias verdades, frações dessas e mentiras, por citações selecionadas e suprimidas; evitando, esquecendo e ignorando questões; confinando todas as falácias lógicas em livro e inventando outras novas; por todos esses métodos e por outros, e pela maior tentativa na história escrita de esconder um homem, os defensores de Lincoln conseguiram transformar um separatista num integracionista, e enganar, das raças negra e branca, todos – salvo um ou dois – o tempo todo.

Nesse afã, não apenas esconderam Lincoln, mas também conseguiram provar ter sido ele iníquo. Ele disse certa feita, conforme registra seu mito, que *“se podem enganar todas as pessoas algum tempo, mas não se podem enganar todas as pessoas o tempo todo”*¹¹⁵. Lincoln, seja lá quem disse isso, estava errado, pois sua apoteose prova que é possível enganar um número considerável, um tempo longo o bastante capaz de transformar um racista num símbolo nacional de irmandade e entendimento entre as raças.

Lincoln disse reiteradamente, tanto em público quanto em particular, em Springfield¹¹⁶ e na Casa Branca, que era um defensor da supremacia dos brancos, e que desejava negar aos negros direitos iguais aos brancos por causa de sua raça, e deportá-los para um local de clima tropical, para viverem com gente de sua cor e espécie.

Como se esconde um homem assim, e como é mantido como um símbolo da gente do século vinte? Mais importante e mais perigoso: por que se desejam fazer de tal homem um símbolo de integração e do sonho americano?

A resposta, em parte, é que Lincoln pertence à teologia e não à historiologia. Ele é uma crença, uma igreja, uma religião, e tem seus próprios sacerdotes e acólitos, a maioria

¹¹⁵ - NOTA DO AUTOR: Esta declaração, que praticamente toda a criança conhece, é, como muitas das declarações de Lincoln, um mito. Não há qualquer evidência de que Lincoln haja dito isso, o que se constitui em justiça poética [N. do T. um resultado onde a virtude é premiada e o vício punido, geralmente de forma irônica] uma vez que a manipulação do mito Lincoln prova que *se podem* enganar todos os americanos, salvo um ou dois, o tempo todo.

¹¹⁶ - Capital do Estado de Illinois.

dos quais têm um interesse fixo no “grande emancipador” e que se opõem apaixonadamente a quem diga a verdade a seu respeito.

Lincoln não somente é uma igreja, é também um empreendimento industrial. Centenas, talvez milhares de homens e mulheres retiram sua subsistência alimentando a máquina Lincoln, mantendo vivos os pensamentos desse, aclamando a proclamação que nunca existiu.

Sobre o acima dito, o mitológico Lincoln é uma estrutura limitante no sistema de identidade da maioria dos americanos, que são dependentes de Lincoln, como se um entorpecente, e que necessitam de doses periódicas para reafirmar seu senso de realidade. Adlai Stevenson¹¹⁷ disse certa feita que “um homem na vida pública não pode encontrar um guia mais seguro do que Lincoln”. É um agravo ao sistema educacional americano que um homem inteligente como Stevenson profira tal, desinformado, pronunciamento. O que esperaria Stevenson aprender de Lincoln? Como negar aos negros direitos iguais, ou deportá-los para a África?

Por todas essas razões, e por outras também, Lincoln transcende as regras da lógica e da evidência, mesmo no academismo. Barbara Burns Petrick disse, na edição de nove de fevereiro de 1986, do jornal *The New York Times*, que Lincoln é tão notável que regras e evidência a ele não se aplicam. Ela deveria ter acrescentado que tudo chegou a uma licença que se torna permissível mentir e esconder evidência de forma a proteger a República. Patrick escreveu: “Deve ser dito sobre Lincoln aquilo que Voltaire afirmou sobre Deus: Se não tivesse existido um Lincoln, teria sido necessário criá-lo”. Não é por acaso que Patrick compara Lincoln a Deus, e que não consegue notar que a evidência que ela e outros citam indica que não houve nenhum Lincoln, ou pelo menos nenhum grande emancipador, e que, assim, fez-se necessário inventá-lo.

A fascinante questão aqui não é como o povo conseguiu esconder Lincoln, mas sim como conseguiram escondê-lo enquanto escreviam milhares de livros a seu respeito. Seja qual for a resposta, jamais, na América, cessaram de falar sobre Abraham Lincoln, e

¹¹⁷ - Adlai Stevenson (1900-65), membro proeminente do Partido Republicano.

nunca pararam de escondê-lo. E com raras exceções, não se pode acreditar naquilo que qualquer destacado estudioso de Lincoln diz-nos a respeito de Abraham Lincoln e raça.

Existe um gigantesco trabalho erudito, *Lincoln dia a dia*, que se empenha em dizer-nos onde Lincoln se encontrava, praticamente, cada dia de sua vida. Merrill D. Peterson diz que “ nada nos anais das biografias se iguala a *Lincoln dia a dia*”. É onde se encontram dois exemplos notáveis, que vou usá-los como uma espécie de introdução e fundo.

Querendo-se saber o que Lincoln estava fazendo, digamos, em cinco de janeiro de 1836, tem-se apenas que rumar para essa data no grande livro de Lincoln – e é grande em todos os aspectos, menos quanto à raça – e descobrir que ele votava com a maioria na Assembléia Legislativa de Illinois, tentando aprovar a lei referente à Salina Vermillion, e votava contra uma resolução condenatória ao Partido Whig¹¹⁸.

Isso, todavia, não consegue capturar a cor do interessante dia vivido por Lincoln. Em se consultando o diário oficial da Assembléia, da nona Assembléia Geral, que pode ser encontrado na Biblioteca Pública de Chicago, se descobrirá que pouco depois das duas horas da tarde, no dia em questão, ele estava votando a seguinte resolução:

“ *Decidido*, que o preço das terras públicas tem de ser reduzidas.

Decidido, que a todos os cidadãos brancos com 21 anos ou mais é assegurado o privilégio de votar, sejam ou não proprietários de terras.

Decidido, que o direito de voto deve ser mantido livre da contaminação advinda da admissão do voto das pessoas de cor.

Decidido, que aprovamos a garantia de direitos de preferência aos colonos, nas terras públicas”.

Foi aprovada, com 35 votos *sim* e 16 *não*.

¹¹⁸ - **Partido Whig**, um dos dois partidos que dominaram a cena política nos EUA no segundo quartel do século 19. Surgiu do Partido Nacional Republicano e outras pequenas agremiações, especialmente o partido Antimaçônico. Em 1848 o partido já se encontrava em processo de desintegração, em muito face à questão da escravatura. O Partido do Solo Livre e seu sucessor o Partido Republicano, absorveram a maioria dos whigs nortistas (antiescravidão). Os Whigs do Algodão (sulistas) ingressaram no Partido Democrático (pró-escravidão).

Um dos trinta e cinco homens que votaram na terça-feira, cinco de janeiro de 1836, a fim de manter o direito de voto, em Illinois, puro, livre da contaminação de votantes negros era o jovem de vinte e seis anos, representante do condado de Sangamon, o nobre deputado Abraham Lincoln.

Como os autores de *Lincoln dia a dia* omitiram este fato? Talvez alguém diga que se trata de uma omissão menor, que ocorre freqüentemente em pesquisa histórica, mesmo, presume-se, em "*Glória forçada*". Aceita a ponderação, sigamos com nossa pesquisa, tendo em mente que *Lincoln dia a dia* é uma das poucas fontes a nos dizer que Lincoln votou em 10 de dezembro de 1840, quanto ao sistema escolar de Illinois. O que estaria fazendo Abraham Lincoln em dois de maio de 1840? *Lincoln dia a dia* diz-nos que ele discursava em Tremont, Illinois, a favor do candidato à presidência William Henry Harrison, o herói de Tippecanoe¹¹⁹, quando contou "muitas e boas anedotas que convulsionaram a casa com risadas".

De que estavam rindo?

Lincoln dia a dia não nos informa, mas se nos reportarmos ao *Sangamo Journal*, de 15 de maio de 1840, descobriremos que algumas das risadas eram provocadas pelo ataque demagógico de Lincoln ao candidato presidencial Martin Von Buren, "e especialmente seus votos na convenção de Nova York, objetivando permitir aos negros livres o direito ao sufrágio, e sua política hipócrita em relação à Guerra". De acordo com um despacho para um jornal de Tremont, datado de quatro de maio, "nessa parte de seu discurso era particularmente feliz, e as freqüentes e espontâneas manifestações de aplauso da platéia, evidenciavam que com ele estavam seus corações".

Que podemos concluir de tudo isso? Devemos concluir que o autor é um brilhante pesquisador que pode descobrir fatos sobre Lincoln que escaparam ao maior grupo acadêmico jamais mobilizado? Eu encorajaria essa conclusão se não tivéssemos certeza de que a resposta se encontra noutra direção, pois a verdade de que fatos apontando para

¹¹⁹ - Nome de um rio, em Illinois. Em 1811, o general William Henry Harrison derrotou os Shawnee, na batalha de Tippecanoe.

o racista Lincoln não estejam geralmente disponíveis, não é acidente. Por que não estão disponíveis? Em alguns casos, eles foram deliberadamente negligenciados e suprimidos. Em outros casos, eles foram omitidos por homens e mulheres que desenvolveram uma treinada cegueira, e simplesmente não podem ver certas coisas. O melhor exemplo disso, como já vimos, é que gerações de estudiosos de Lincoln foram incapazes de ver ou ler as *palavras-N*¹²⁰ que podem ser encontradas nos registros sobre Lincoln.

Para tornar as coisas ainda mais interessantes, encontram-se, apesar da grandiosa pesquisa acadêmica na história, buracos dissonantes nos registros. Em 1853, e novamente em 1855, Lincoln falou para a Sociedade de Colonização Springfield, que havia sido organizada com o fim de mandar os afro-americanos de volta para a África. Os discursos – dois discursos – desapareceram, não havendo registro do que Lincoln disse então. Não há evidências de que os discursos tenham sido deliberadamente destruídos, e não há evidência de que não foram perdidos de propósito. É relevante notar, todavia, que o desaparecimento dos discursos serve aos interesses dos fabricantes do mito Lincoln, pois se tivéssemos um registro daquilo que disse, seria acrescentado ao crescente corpo de indícios de suas atividades antinegros. Mark Neely Jr¹²¹. disse: “O acidente de não sobreviver, talvez tenha ajudado a reputação de Lincoln, em tempos modernos”.

Lincoln que era o seu próprio fabricante de mito e ciumento de sua reputação como John Kennedy, ajudou a turvar a água. Compulsivamente reservado, tentou censurar sua própria história, especialmente durante os primeiros anos da guerra, quando ele e seus mais altos auxiliares procuraram trabalhar sob o facho da história. “Não mais se escreveu no papel”, disse o secretário da Marinha, Welles, “além do realmente necessário” e “instruções verbais eram dadas aos comandantes para não atrair escravos às suas linhas...”

¹²⁰ - O autor, em todas as suas obras, se nega a escrever palavras ofensivas à raça negra e incorporadas ao léxico da língua inglesa. É o que chama de *N-words*. Por exemplo, quando Lorene grafa n-r, outro autor seguramente escreveria *nigger*.

¹²¹ - Em: *The Lincoln Administration and Arbitrary Arrests: A Reconsideration*.

Mas esse era apenas o início do problema. A história de Lincoln fora distorcida na fonte pelo limitante pecado de estudar Lincoln, face ao efeito reverso pós-assassinato. Intimidados pelo fato e magoados pelos diversos graus de remorso e culpa, praticamente todos os homens públicos alteraram sua percepção e, em alguns casos, seus históricos após 1865. Antes do assassinato, ele tinha poucos discípulos e milhares de críticos. Após o assassinato, tinha poucos críticos e milhares de discípulos, e tornara-se um dever, tornara-se uma necessidade pública, estar alinhado com o Senhor Lincoln e seu mito.

Dependendo seu metabolismo e de suas necessidades públicas, diferentes homens respondem a essas exigências de modos distintos. Alguns restabeleceram a maneira como pensavam, antes do assassinato, dizendo que a história – as palavras que em verdade usaram e aquilo que Lincoln fez ou deixou de fazer – estava errada. O Richard Yates, governador de Illinois, ao tempo da guerra, preparou um epitáfio de mea-culpa, o qual, curiosamente, nunca foi proferido. O epitáfio não proferido dizia: “Eu o considerava muito lento em convocar os homens; muito lento em dar armas aos libertos; muito lento em proclamar a emancipação dos escravos, mas a seu devido tempo vieram, em série, todas essas medidas importantes, e todos agora vêm claramente e reconhecem que Abraham Lincoln sempre fez a coisa certa, no caminho certo, no tempo certo, no lugar certo”.

Outro governador dos tempos de guerra, outro crítico de Lincoln, John A. Andrew, de Massachusetts, reagiu, como muitos homens daquele período reagiram, tentando alterar seu histórico ou, enfim, alterar o significado de seu histórico. Durante a guerra, como ainda veremos, Andrew repetidamente denunciou Lincoln em cartas a Adam Gurowski, contendo críticas. Após o assassinato, o biógrafo de Gurowski, LeRoy H. Fischer disse que Andrew, que desempenhou papel importante no apoio aos soldados negros, já pensava diferentemente e “mostrava-se hesitante em dar seu apoio a um esforço de pós-guerra de publicar as cartas”. Alguns originais das cartas aparentemente desapareceram. Fischer disse: “As cartas de Andrew ao Conde, que deveriam encontrar-se entre os *Papéis de Gurowski*, não se sabe se existem”.

Existem diferentes maneiras de alterar um registro ou mudar o significado desse; e caso registros contra Lincoln existam, sejam restritos ou perdidos, os efeitos serão os

mesmos. Para citar um exemplo provocativo, o ícone da mídia Joseph Medill¹²² foi, após Gurowski e Phillips, talvez o mais acre dos críticos de Lincoln, mas essa informação não é de conhecimento geral em Chicago, nem mesmo na Escola de Jornalismo Medill, onde a obra “*A Guerra de Joe Medillm*”, de Elmer Gertz, é uma história não contada e desconhecida.

Quanto mais viveram os homens que conheceram Lincoln, mais suas reminiscências e registros mudaram. Esse é um processo natural, que acontece em menor escala em nossas lembranças de amigos e parentes. O que consideramos deplorável, examinando a história de Lincoln, é o quão freqüentemente os pesquisadores esquecem que a melhor evidência é a evidência do que disse, pensou e fez a testemunha durante ou imediatamente após o evento.

O efeito reverso após assassinato afetou praticamente a todos, inclusive Frederick Douglass¹²³, que onze anos após o crime disse que Lincoln era um racista, mas que abrandara sua maneira de encará-lo, numa coleção de reminiscências publicada vinte e três anos após o evento. Wendell Phillips manteve sua posição: “Penso agora da mesma maneira que então – A.L. teve méritos, mas teve manchas, e grandes, em seu disco”.

Como Phillips, o senador Trumbull¹²⁴ recusou a mudar sua posição, mesmo no Estado de Illinois. Trumbull disse: “Como presidente, durante a grande Guerra Civil, faltou a Lincoln habilidade executiva, e aquela resolução e ação imediata essenciais para da um rápido e bem-sucedido fecho”.

Mesmo o velho ríspido Thadeus Stevens falou de bem a respeito de Lincoln, embora tenha dito no Congresso, em 19 de março de 1867, que “o bom homem”

¹²² - Joseph Medill, jornalista americano, um dos fundadores do Partido Republicano(1854), foi editor do jornal *Chicago Tribune*. Apoiou a campanha presidencial e da administração de Lincoln.

¹²³ - Celebrado ex-escravo que fez literatura baseada em sua vida de cativo e liberto. Textos nesse Projeto Cultural.

¹²⁴ - Lyman Trumbull (1813-1896) líder político republicano, durante a Guerra Civil e o período de reconstrução. Iniciando a carreira política em Illinois, foi eleito senador em 1854. Ficou famoso como hábil constitucionalista e homem de princípios.

diferentemente de seu sucessor, nunca “infringiu os direitos do Congresso”. E acrescentou: “Não deve ser negado que sua ansiedade pela admissão de membros da Louisiana... deixou o País inquieto. O povo começou a temer que ele estivesse sendo enganado, e se encontrava na iminência de cometer um erro. Se ele houvesse seguido nesse caminho, é bom para sua reputação que não tenha vivido o bastante para executá-la”.

Stevens não queria ser mal-interpretado. Ele não havia mudado sua percepção. E desejava que o Congresso entendesse que “aquilo que se diz à sepultura de bons amigos, de estadistas ou de heróis não é biografia. A rigorosa pena da história irá desnudar tais epitáfios de seus meretrícios ornamentos”.

Como ele poderia saber que a história iria agir como meretriz, tornando-se uma história libertina?

Isto não foi, no seu todo, um erro de historiadores isolados, pois em História, como nos cassinos de Las Vegas, a vantagem é sempre a favor da casa, ou seja, em favor de homens e mulheres que temem ou se opõem a mudança social radical ou fundamental. Faz mais de cem anos, um grupo, incluindo um conjunto de brancos radicais, temeu pelo alistamento eleitoral de antigos escravos, pois havia Estados, como a Carolina do Sul, onde se constituíam na maioria da população. Hoje, decorridos mais de cem anos, a maioria dos biógrafos de Lincoln ainda parece estar aterrorizada ante a idéia de dar à maioria negra da Carolina do Sul o voto, mais do que ocorria há cento e trinta e cinco anos.

A tendência em favor da casa é suplementada por outra direção, pela exclusão, em princípio, do testemunho de escravos conscientes, abolicionistas negros e brancos e líderes republicanos que acreditavam que Abraham Lincoln era um presidente desastrado.

Quase todos os especialistas em Lincoln mantêm um esforço forte e diversificado contra os brancos que alertaram para a imediata emancipação dos escravos e o uso de negros como soldados. A prática usual é pôr de lado os críticos de Lincoln, com adjetivos tais como “extremo”, “ruidoso” ou “histórico”. Na obra, em geral excelente, “*Abraham Lincoln Enciclopédia*”, Nelly chama o ícone da imprensa Joseph Medill de “ruidoso”, primeiramente, por seus ataques a Lincoln por sua incapacidade de libertar os escravos e

usar soldados negros. O governador de Illinois, ao tempo da guerra, Richard Yates, que atacou Lincoln pelas mesmas razões, foi chamado de “um tanto histérico”.

Ao fim, então, a opressão se tornou sua própria prova, condenando-nos a ver Lincoln e a Guerra Civil através dos olhos dos inimigos dos escravos ou, pior, através dos olhos dos “moderados”, como Nicolay e Hay, que talvez fossem bem-intencionados, mas que ficaram em pânico com o crescimento da onda de negros, e que chamavam os nativos americanos de *selvagens*.

O resultado é que essa historiografia se torna cúmplice, e seus registros o álibi da tirania. Como isto poderia ser de outra forma? Pois, parafraseando a brilhante análise de Maurice Merleau-Ponty¹²⁵, as pessoas se recordam dos horrores da escravidão e da desumanidade dos pais fundadores, senhores de escravo, e não são menos racistas e menos desumanos por isso. Eles observam, de passagem, a paixão de John Brown¹²⁶ e Phillips, e os grandes recitadores de “*sim*”, no Congresso, da tradição branca, e não são menos conservadores por assim agirem. Da história dos escravos, como deles foi roubada sua humanidade e suas riquezas, e de seu sentimento a respeito, não se encontram registros. Os gemidos das vítimas e as cicatrizes dos açoites são mais silenciosos e o sangue é esbranquiçado. “A História tira ainda mais daqueles que perderam tudo”, diz Merleau-Ponty, “e dá também àqueles que se apropriaram de tudo, eis que seu genérico julgamento absolve o injusto e rejeita as súplicas das vítimas. A História nunca *confessa*”.

E nunca cuida a casa.

Uma vez que a vantagem nesse jogo é sempre em favor da casa, seria prudente prestar atenção às mãos dos crupiês e dos defensores da fé em Lincoln, reunidos em meio a escolas segundo seus órgãos principais de defesa e ataque. A defesa mais usada é a evasiva, unida a todas as histórias de “escurinho” e “preto¹²⁷”. Enfrentando esmagadora

¹²⁵ - Merleau-Ponty, Filósofo francês (1907-1961).

¹²⁶ - John Brown. Abolicionista branco, executado. Nasceu em 1800 e morreu em 1859, tornando-se mártir da causa.

¹²⁷ - No original: “n—r”.

evidência na vida e época do racista Lincoln, os praticantes da escola dominante recusam qualquer discussão sobre os fatos e se contentam em ouvir testemunhas quanto ao caráter. Lincoln tinha, esses dizem, muitas virtudes particulares, era triste e tinha uma esposa rabugenta, o que é verdade – mas aqui irrelevante pois não se busca avaliar sua personalidade, mas do papel histórico que desempenhou. Nesse e noutro nível qualquer, os defensores de Lincoln consideram a questão como resolvida, partindo do pressuposto ser verdade o ponto em debate, e confiando nos argumentos que envolvem tradição, personalidade e outros. Numa profunda negatividade, terrificados por novas revelações a respeito da profundidade do racismo de Lincoln, dizem com toda a seriedade que Lincoln era bom porque era Lincoln, e que ele era Lincoln porque era bom.

A escola dominante sobre Lincoln é à “Não Vê Racismo”, “Não Houve Sobre Racismo”, “Não Há Registro”. Ignorando as *palavras-N*, os votos e manifestações *Jim Crow*, e não prestando atenção a todos os freqüentes chamamentos em favor da limpeza racial, os profissionais da pedagogia do silêncio criam uma idéia coesa que protege Lincoln da realidade racial, mistificando, em livro após livro, simpósio após simpósio, que podem discutir Lincoln e a Declaração ou Lincoln e Democracia sem se referir aos negros e escravos – uma prática que nos faz recordar que estudiosos são pagos não apenas pelo que vêem e dizem, mas também pelo que não vêem e dizem.

Se pressionados, membros dessa escola discutirão o racismo de Lincoln num ambiente acadêmico restrito, intitulado “Lincoln e o Negro”. Esta segmentação isola raça e críticos, relegando todo o tema a umas poucas linhas subordinadas e segregadas no sumário da conferência.

Outra escola aliada, a “Escola Cinegráfica” substitui um Lincoln de cenário ou ventríloquo por um Lincoln real. Antes de deixar Lincoln falar ou agir, membros dessa escola arranjam o cenário e nos informam que Lincoln irá dizer ou fazer alguma coisa que, em verdade, não era seu objetivo. “Em 4 de julho”, escreve um biógrafo de Lincoln, “Sumner retornou e encareceu a remarcação do dia para o decreto de emancipação... Lincoln *simulou* discordar dele...” (Como lidamos com uma negligência coletiva, deliberadamente omiti os nomes dos estudiosos).

O ponto máximo dessa arte é o que defino como absolvição antecipada. Antecipando uma ação antinegro ou antiemancipação, seus interpretes se apressam e dão-lhe absolvição antes do ato, dizendo ao leitor que Lincoln irá agir como um racista, mas não se preocupe posto que ele esteja apenas respondendo ao racismo de seus eleitores ou ao equilíbrio de forças. Assim, antes de dizerem-nos que Lincoln pediu ao povo negro para que deixasse a América, outro biógrafo concede-lhe a absolvição, dizendo: *“Porque uma das objeções mais importantes à emancipação era a crença espalhada de que brancos e negros jamais poderiam viver juntos em harmonia, ele reviveu sua idéia a muito acariciada de tornar colonos, negros livres, fora da América.*

Duas absolvições, uma antes e a outra após o ato, são melhores do que uma; assim nos diz um biógrafo que “Lincoln não *forçaria* o sufrágio negro na Louisiana” e acrescenta posteriormente que Lincoln era “simpático para com os negros” ele recém havia negado o direito ao sufrágio por sua incapacidade em pleitear igualdade de direitos.

Este é um processo lâmina de dois gumes. Pois, para conceder a Lincoln absolvição de estudiosos, historiadores têm de reconhecer e aprovar o pecado, antes de dar a absolvição. Assim, quando nos dizem, como estão sempre repetindo, que Lincoln, agora dotado de onisciência divina, “soube” ou estava “atento” ou “agradecido” de que deveria fazer certas coisas – nos estão dizendo o que sabem. Lincoln *soube*, diz um biógrafo, que o sufrágio dos negros era “politicamente explosivo”. “Ciente de que, como presidente, viesse a editar uma proclamação de emancipação, haveria milhares de deserções...”

Ciente: é uma palavra importante nos círculos de Lincoln. “Ciente”, diz um biógrafo, “de que o sentimento de emancipação num Estado escravista deveria ser cuidadosamente cultivado, ele repetidamente advertiu os que urgiam medidas radicais”.

Não é acidente o que Lincoln e seus biógrafos estão *cientes de* ou o que *sabem* é quase sempre um argumento em favor da escravidão ou do racismo, ou ambos. “Como um homem de origem sulista”, um seguidor de Lincoln disse, “Lincoln compreendeu que ajustamentos raciais necessitariam cuidadoso planejamento e tempo”. Como negro de

origem sulista, e como sobrevivente da era da segregação, quando quase todos os brancos diziam que levaria tempo, eu sei o que Lincoln quis dizer.

A prática usual é fazer cair a absolvição casualmente em texto indicando que o racismo de Lincoln e seu apoio aos atos violentos e desumanos contra os negros era natural. *Naturalmente*, nos disseram, usava a palavra preto. *Naturalmente*, votou leis *Jim Crow* e apoiou Leis Negras, “como a maioria dos brancos de sua época”. Um importante estudioso de Lincoln diz-nos que “tanto quanto é possível averiguar hoje em dia, nenhuma palavra de condenação foi proferida publicamente”, por Lincoln e os cidadãos de Springfield, quando uma turba de brancos assassinou o abolicionista Elijah P. Lovejoy, acrescentando: “À luz de sua origem sulista, a maioria deles, a atitude do povo da cidade quanto à abolição era *natural*”.

Mais importante do que nos dizem os biógrafos de Lincoln é aquilo que deixam de dizer-nos.

Benjamin Thomas, autor daquela que os especialistas chamam de a melhor “biografia em um volume”, de Lincoln, não nos dá conta de que Lincoln fazia uso de palavras-N.

Ele não nos dá tento de que Lincoln adorava piadas-N.

Não registra que Lincoln votou em favor da legislação *Jim Crow*, na Assembléia Legislativa de Illinois.

Não nos informa haver Lincoln dito que houve “um desgosto natural nas mentes de praticamente todos os brancos”, sobre o relacionamento sexual entre negros e brancos.

Não nos dá conta de que Lincoln apoiou as Leis Negras de Illinois.

Não nos diz que o presidente Lincoln, pessoalmente, ordenou a oficiais do Exército da União que devolvessem a seus amos os escravos foragidos.

Não nos fala que o presidente Lincoln tentou por “quase um ano e meio”, em suas próprias palavras, manter a escravidão nos Estados Unidos.

Se a melhor “biografia em um volume” sobre Lincoln, de acordo com os especialistas, negligencia em dizer-nos tudo isso, ou os especialistas ou a dita biografia ou a metodologia de Lincoln ou tudo mais, acima, está em desordem.

Thomas é um sintoma de um problema maior. Ele é aplaudido e citado por quase todos os estudiosos de Lincoln posto que expressasse os valores ocultos e suposições de todas as escolas, inclusive a Escola da Citação Isolada, que abre caminho fazendo citações isoladas que fazem bem e ignorando declarações à sua volta e atos que negam tais declarações. Um seu biógrafo nos informa haver Lincoln dito, em Springfield, 20 de junho de 1857, que pensara que a Declaração de Independência “contemplava uma progressiva melhora na condição humana em toda parte”. Ele não nos esclarece que Lincoln, na mesma página, diz que ele e Stephen A. Douglas¹²⁸ ficaram “horrorizados com o pensamento de virem às raças branca e negra a misturar seu sangue”.

Membros da Escola Sentir-se Bem, dizem-nos que Lincoln disse em Cincinnati que “há espaço bastante para que todos sejamos livres”. Não esclareceu que no mesmo discurso dissera não haver espaço algum para os escravos serem livres no Sul, e que era necessário aprovar “uma lei eficiente sobre os escravos fugitivos”, para fazer retornar à escravidão fugitivos que acreditassem haver espaço para que todos pudessem ser livres.

Todos, ou quase todos, asseveram que Lincoln disse em Chicago, julho de 1858, que deveríamos parar com tal ninharia sobre essa ou aquela raça e seguir em frente com a tarefa de implementar a Declaração de Independência, que Lincoln chamava de “Declaração de Independência do branco”. Praticamente ninguém nos diz que ele afirmou no mesmo discurso que os interesses do povo branco tornou imperativo manter os negros na escravidão, e que o próprio Deus conspirava em favor dos brancos, tendo, como Lincoln definiu, “nos criado separados”.

¹²⁸ Político que atuou tanto como deputado quanto como senador, no Congresso dos EUA. Ficou famoso por entreter um longo debate do Abraham Lincoln, na campanha presidencial de 1858. Propôs como parlamentar autonomia aos Estados para legislar sobre a escravatura.

Praticamente todos os pensadores assinalam que Lincoln disse em New Heaven, Connecticut, 1860: “eu quero que cada homem tenha a oportunidade – e eu creio que o negro é capaz de merecer isto – com a qual possa melhorar sua vida”, mas nenhum estudioso nos diz que Lincoln afirmou no mesmo discurso que era necessário deixar em paz a escravidão sulista, e que se o sistema escravista não tivesse existido em 1860, teria sido necessário inventá-lo e manter os quatro milhões de escravos à margem de uma vida melhor.

Existe, finalmente, a Mãe de Todas as Citações – citações do gênero Última Melhor Esperança na Terra, em *Nós não podemos escapar da história*, peroração na mensagem anual ao Congresso, de 1862. É geral o uso dessas citações, nas quais Lincoln, de acordo com o historiador Basler, atingiu níveis de eloqüência não ultrapassados por nenhum outro ser humano. Nem Basler, tampouco qualquer outro importante especialista em Lincoln, dizem-nos que esse usou as palavras numa fútil tentativa de persuadir o Congresso a aprovar emenda constitucional solicitando, dentre outras coisas, a criação de um plano com fundos federais, visando deportar os negros.

O compositor Aaron Copland¹²⁹ é modelar neste ponto, dizendo, em seu universalmente aclamado *Retrato de Lincoln*, que esse afirmou: “Isto é o que ele disse/ Isto é o que Abraham Lincoln disse” – que não se pode escapar da história.

Isso foi o que disse Lincoln, pois bem, mas Copland não nos informa o que ele disse antes ou após.

Antes ele afirmou que furiosos julgamentos iluminariam “este Congresso e esta administração” em honra ou desonra até a derradeira das gerações, até 2000 em verdade, se não fizerem o que Lincoln deles esperava.

O que Lincoln desejava que fizessem?

¹²⁹ - Aaron Copland (1900-1990) Compositor americano, ganhador em 1944 do Prêmio Pulitzer.

Ele desejava que tentassem escapar da história. Ele desejava que fizessem uma limpeza racial nos Estados Unidos, comprando os escravos por um período de trinta e sete anos, e mandando-os após, de volta para a África. Estariam incluídos aí, casualmente, os antepassados de todos os destacados afro-americanos de hoje, que sempre são recrutados para repetir as palavras expurgadas de Copland, que clamam pela deportação de suas bisavós e bisavôs.

Assim, elaboradores de citações, tornam-se covardes e opressores de todos nós.

No mesmo espírito, Copland diz-nos o que Lincoln disse à página 315 de seu discurso em Alton (Illinois), mas não nos conta o que Lincoln proferiu à página 317 a seguir.

Isto é o que ele disse à página 315 de Trabalhos Reunidos (The Collected Works):

É a eterna luta, em toda parte, entre aqueles dois princípios – o certo e o errado, em todo o mundo... É o mesmo espírito que diz: “Você trabalha, padece e ganha o pão, mas eu vou comê-lo”. Não importa de que forma ocorra – seja através da ordem de um rei, que usurpa o povo de sua própria nação, e vive pelo fruto do labor daquele, seja de uma raça, como desculpa para escravizar outra raça – é o mesmo e tirânico princípio.

Explique Abe¹³⁰, como isto é.

Isto foi o que pensei, a primeira vez que ouvi um grande negro americano recitar o que Lincoln dissera à página 315, num concerto de Copland, no teatro da Orquestra de Chicago. E fiquei chocado quando consultei o documento e descobri que nem Copland, tampouco o recitante foram até à página 317, onde Lincoln endossara “o mesmo princípio tirânico”, dizendo que era necessário manter o direito divino dos senhores de escravos no Sul e juntarem-se a eles “perseguido e capturando pretos”, que escapavam de gente que acreditava no divino poder de reis e donos de escravos.

¹³⁰ - Apelido de Abraham Lincoln.

Final e definitivamente, Copland informa-nos, como todos dizem, haver Lincoln asseverado que, “como eu não desejaria ser *escravo*, não desejaria ser *amo*”. Ele não nos conta que o mesmo homem fez centenas de milhares de escravos, e que William E. Channing estava muito próximo da verdade quando disse que “Há algo pior do que ser um escravo. É tornar outros seres escravos.” Ou apoiar aqueles que fazem outros homens escravos.

Esses não são, deixe-nos enfatizar ainda outra vez, exemplos isolados, pois em praticamente todas as mais destacadas declarações e biografias de Lincoln, as suas palavras são sistematicamente arrancadas do contexto para fazê-lo dizer exatamente o oposto do que realmente disse.

A falácia de citações isoladas está ligada em espírito e intenção ao sofisma dos dados separados, os quais removem Lincoln de seu contexto social e históricos e apresentam uma abstração sem vida que fala de brincadeiras e amor a todos, exceto aos escravos, mas que não tem relação com o sistema violento e racista da escravidão e do *Jim Crow* que manchou sua alma e a alma da nação.

Aqui se tem um homem que apoiou, votou e ajudou a administrar o pior sistema de escravidão e racismo na história humana, mas estudiosos rotineiramente escrevem grossos livros sem mencionar esses fatos no contexto. Se alguém os força a afrontar um fato racista, se desculpam com uma breve piada, ou melhor, numa nota de rodapé, e prosseguem com a hagiografia.

Outra escola sobre Lincoln, que chamaremos de Escola da Palavra Divina, sustenta que a palavra de Lincoln é a realidade.

A teologia é questionável, para dizer o mínimo, mas não parece perturbar; os verdadeiramente crentes tomam por certo que a palavra de Lincoln, como a palavra de Deus, cria a realidade.

Assim, encontramos estudiosos por toda a parte fazendo a transição de Lincoln da asserção sem base à conclusão, afirmando, primeiramente, *como qualquer estudioso de Lincoln diz-nos*, que Lincoln *disse* que sempre odiou a escravidão. Então, usando a primeira

parte dessa assertiva, sem dizer-nos que Lincoln a qualificou, dizem-nos que Lincoln sempre odiou a escravidão. Não é isto maravilhoso? Movimentam-se do *ele disse* para *ele fez*, fazendo da palavra a realidade e eliminando a necessidade de verificação e evidência.

*No princípio era a palavra de Lincoln*¹³¹.

Com essa fé, não é de se maravilhar que os seguidores de Lincoln argumentassem que as palavras contra os negros fossem a Verdade, até que o Movimento de Libertação, dos anos 1960, as tornaram falsas, e que o verdadeiro problema não é o racismo de Lincoln mas o ardor dos militantes do Poder Negro.

Como devemos chamar essas técnicas? Má orientação. Desinformação? Mistificação? De qualquer forma, elas são feitas para intimidar, posto que o mito Lincoln se sustente não apenas pela inércia ou logro, mas também pelo terror e por um entendimento implícito e explícito de que as sanções serão invocadas e pressão imposta para manter as pessoas afastadas, na América, de dizer a verdade ou mesmo de pensar a verdade a respeito de Abraham Lincoln.

Para dizer a verdade, é perigoso a verdade dizer, a respeito de Abraham Lincoln; e é notável quantos vigilantes alertam a estudantes e pesquisadores não ser sábio nem seguro perseguir certo rumo investigativo. Fiquei atônito ao constatar o número de negros que, com um sentimento de verdadeira preocupação e medo, temem dizer que Lincoln era racista, especialmente se falando para muitas pessoas.

Nada mudou, faz mais de cem anos, nesse sentido, desde que William Herndon foi forçado a passar pelo fogo cruzado de timidez e farisaísmo. Herndon, que recusou se retratar e que, “mais do que qualquer outro indivíduo contribuiu para o conhecimento que temos de Lincoln”, nunca cessou de vergastar a timidez e ortodoxia de estudiosos de Lincoln que tentaram se esconder e a Lincoln da História. “O senhor Lincoln”, disse Herndon, “deve apoiar-se na verdade ou não se apoiará em nada”. Pelo terror, Herndon indagou em 1866, “será alguém tão insano a ponto de supor que qualquer verdade a respeito de Lincoln, ou em relação à suas idéias, atos, aspirações e feitos serão escondidas

¹³¹ - Paráfrase a João, Cap. 1:1.

e sepultadas fora da visão humana? Bobagem! A melhor maneira é contar toda a verdade e permitir, que sua presença e perenidade esmaguem e destruam todas as mentiras”. Porque o academicismo não prestou atenção a Herndon “uma definitiva Vida de Lincoln é ainda sonho não alcançado”, disse Hertz em 1938, e acrescentou: “ uma natural hesitação em revelar certos aspectos da vida de Lincoln se petrificaram numa política de sigilo”.

A luta que Herndon e outros iniciaram continua em diversos níveis, havendo indícios de que jovens estudiosos e estudantes graduados têm pressionado para preservar a coerência histórica. Jovens estudiosos são naturalmente relutantes em falar sobre esse tipo de pressão, pois uma alusão ou uma palavra vinda de um mandachuva de corporação pode inviabilizar uma doação, um auxílio-pesquisa ou ainda a publicação de um trabalho. Na edição de julho de 1952, do *Jornal da História Negra*, Paul J. Scheips faz um penetrante exame sobre o esforço continuado em desacreditar Benjamin F. Butler¹³² e seu relato sobre a tentativa de última hora, de Lincoln, para deportar os afro-americanos. Scheips anotou que outro pesquisador devotou “alguma atenção” à narrativa de Butler sobre a tese de seu mestre, mas não conseguiu mencionar isso num artigo posterior, concluindo que “talvez” a visão de John Hay, de que Lincoln desistiu da idéia da colonização em 1864 “melhor descreve a mudança de atitude de Lincoln”.

Por que o pesquisador mudou de idéia?

Numa provocativa nota de rodapé, Scheips, diz o pesquisador, “explicou em uma carta ao autor que [um eminente estudioso de Lincoln] o persuadiu antes da publicação de seu artigo, a reconsiderar a conclusão de seu manuscrito, de que Lincoln nunca realmente desistiu da idéia da colonização baseado em tal visão... colide com a opinião erudita, consolidada neste assunto.”

O melhor lugar para testar “opinião erudita consolidada” é em trabalhos da “Escola Bogart”, que *bogarts* seu caminho através de assertivas sem suporte, que viram fatos e a

¹³² - **Benjamin Franklin Butler** (1818-1893) Político e oficial do Exército americano, foi nomeado governador militar de Nova Orleães. Acusado de corrupção e removido do cargo, adiante abriu processo de *impeachment* contra o presidente Andrew Johnson (1868).

história de cabeça para baixo. Com efeito, quanto mais danosa é a evidência contra Lincoln, mais apaixonada é sua defesa. Lincoln disse que se opunha à cidadania do negro com “os pretos e brancos... unindo-se em matrimônio”? A Escola Bogart diz que ele inventou o Sonho Americano. Lincoln disse que os negros e os mexicanos eram inferiores e que ele, tanto quanto qualquer outro branco, acreditava na supremacia dos brancos? A Escola Bogart diz que ele chegou ao ápice em Gettysburg¹³³, e virtualmente inventou uma nova América com 272 palavras.

Talvez o mais representativo desse estilo Bogart é Gabor S. Boritt, que afirma em *Lincoln e a Economia do Sonho Americano* – um dos “dez melhores livros sobre sua vida” – que Lincoln fez do Sonho Americano a idéia central da América “numa das mais importantes metamorfoses de uma idéia, na história americana”. Não apenas que Lincoln “em um dos mais criativos atos na construção da ideologia americana” insistiu “persistentemente em sua realidade [do sonho] e viveu-o plenamente”.

Boritt é sério? Não se esquecera que Lincoln tentou purificar a América e criar uma alva democracia branca? Esquecera-se que o único sonho que Lincoln viveu por inteiro foi o sistema de *apartheid* de Illinois, que apoiou e votou pela implantação?

Boritt sabe disso.

Todos os estudiosos de Lincoln sabem que, quer nos digam ou não, e Boritt, creia ou não, diz-nos, quatorze páginas adiante, que “os argumentos de Lincoln sobre o Sonho Americano eram destinados [não para os negros nem para nativos americanos, mas] aos brancos de Illinois e do Norte, de quem os votos eram importantes para sustentar seus conceitos. Ele provavelmente [atenção para esta palavra] também partilhou *de alguma forma* as confusões e preconceitos de seu o povo [queria dizer povo *branco*] sobre o negro...”

¹³³ - Mensagem de Gettysburg. Em 19 de novembro de 1863, Lincoln proferiu famoso discurso quando da inauguração do cemitério em memória dos mortos na Guerra Civil, em Gettysburg, Estado de Pensilvânia.

Continuando, na página seguinte, Boritt diz que Lincoln “temperou seus conceitos negando qualquer desejo de igualdade social e política para os negros. Também sugeriu que, ‘talvez’, eles não fossem iguais aos brancos quanto aos “atributos morais e intelectuais’. Sugeriu que Deus pode haver dado ‘pouco’ para eles e, assim, suas conquistas eram compreensivelmente modestas”.

Isto é, tudo considerado, uma estranha maneira de inventar o Sonho Americano. É o homem que escreveu essas linhas, nas páginas 158 e 160, o mesmo que escreveu as linhas das páginas 172 e 173.

E estaria falando sobre o mesmo homem?

A longa caminhada de Boritt na corda bamba e o alargamento entre o que Lincoln disse e o que outros querem acreditar são sintomas de uma importante crise na historiografia de Lincoln, que foi magoada, nos anos 1960 e 1970, pelo que Merrill D. Peterson chamou de “ânsia escolar de preservar a imagem do Grande Emancipador”. No início dos ataques espalhados sobre o tradicional mito Lincoln, historiadores mostraram-se desembaraçados em encontrar novas explicações para desculpar o presidente de sua falta ou culpa nas relações raciais. Assim, se ele foi lento em apoiar o voto restrito dos negros na Louisiana, ocorreu porque estava esperando que a opinião pública o apoiasse. Deste modo, se ele se prendeu por muito tempo à quimera da colonização, a razão fora psicológica: colonização serviria como um mecanismo de defesa contra ficar pensando sobre os difíceis problemas de acomodação racial num estado de liberdade”.

Desde que escrevi, em fevereiro de 1968, num artigo publicado na revista *Ebony*, que o grande emancipar estava nu ou, no mínimo, usava roupas emprestadas, os especialistas em Lincoln puseram-se em posição defensiva. Examinando a reavaliação após os anos 1960 – “muito dos debates mais recentes” diz Vorenberg, “foi desencadeado por” – pelo artigo em *Ebony*, disse o professor Arthur Zilversmit numa análise no jornal *Chicago Sun-Times*, em 12 de fevereiro de 1980:

O artigo de Benenett atingiu um nervo. Ele não apenas chamou atenção para a reputação de um herói amado, mas desafiou a imagem americana de nossa história, como a história de medido progresso através de nossos objetivos liberais.

Vários historiadores e jornalistas argumentaram com sua versão dos fatos, mas suas acusações não poderiam ser facilmente desautorizadas por outros historiadores, muitos dos quais iniciaram uma abrangente reavaliação da visão racial de Lincoln.

A mais recente reavaliação aparece nas notas do livro de David H. Donald, *Lincoln*. Sumariando as percepções desse líder do sistema pró Lincoln, Donald disse com correção que é um erro tentar desculpar a visão de Lincoln na questão racial, dizendo que ele cresceu numa sociedade racista e que todos eram racistas. Acrescentou, todavia, que Lincoln “afortunadamente escapou de uma tendência mais virulenta de racismo”. Qual é a evidência para essa afirmação? A evidência de que Lincoln não diz coisas hediondas sobre os negros – pode alguém dizer algo mais nefando do que afirmar que toda uma raça é inferior e que devem ser-lhes negados direitos iguais e deportados por causa da raça? – e que as perspectivas racistas de Lincoln eram “quase sempre expressas experimentalmente”. Donald cita, concordando, declaração de Don E. Fehrenbacher de que Lincoln “admitiu que o negro *pudesse não ser* seu igual, ou ele disse que o negro *não era* seu igual em certos aspectos”.

Esse é um ponto de debate não entre Lincoln e mim, mas entre o sistema pró Lincoln e esse. Fehrenbacher diz, com a aprovação de Donald, que Lincoln reconheceu que o negro poderia não ser seu igual. De onde surgiu a palavra *poderia*? Isso não é o que diz Lincoln. Este disse: “Certamente, o negro não é nosso semelhante na cor – talvez não o seja em muitos outros aspectos”. É *certamente* uma palavra experimental? Lincoln não pensa assim, pois a usou repetidamente: “ Eu concordo com o juiz Douglas, não é meu igual em *muitos* aspectos – seguramente não é quanto à cor, talvez não quanto aos dotes morais e intelectuais”. Em pelo menos quatorze ocasiões, entre 1854 e 1860, Lincoln disse claramente acreditar que a raça negra era inferior à branca. Em Galesburg, referiu-se “às

raças inferiores”. Quais eram “as raças inferiores?” – Afro-americanos, mexicanos, que chamou de “*mongrels*” e provavelmente todas as pessoas de cor”.

Somando-se a isso, Lincoln dizia reiteradamente que havia uma diferença *física* entre as raças negra e branca. O que queria dizer com a palavra *física*? Queria significar corporal, somática e biologicamente, *segundo as leis da natureza*. Queria dizer que a diferença era mais profunda do que a espessura da pele. Queria dizer que a diferença era imutável e iria, acreditava, durar para sempre, e essa diferença proibiria *para sempre* os negros e brancos de viverem em igualdade. *Para sempre*, ou mesmo *talvez para sempre*, não se enquadram dentro dos limites do experimental.

Os defensores de Lincoln são eminentes, eloqüentes, mas estão errados.

Lincoln disse, repetidamente, que a raça negra era *fisicamente* inferior à raça branca. Reiteradamente fez brincadeiras com escurinhos e usou habitualmente palavras-N.

Nem podemos concordar com a justificativa de haver Lincoln tentado admitir a desigualdade. Se Lincoln disse numa ocasião que o negro – ou seja, toda uma raça – não era igual biologicamente em *alguns* aspectos, disse em outras vezes que a raça negra não era sua igual em “muitos” aspectos. Mas sobre o que estamos argüindo aqui? Qual é a diferença entre *muitos* e *alguns*, entre *para sempre* e *provavelmente para sempre*? Se, como admitem seus defensores, Lincoln disse que o negro, isto é, a *raça* negra, não lhe parecia igual em certos aspectos ou em qualquer respeito, e lhe devem ser negados direitos iguais *por causa de sua raça*, ele foi um racista e é perda de tempo tentar quantificar o grau de seu racismo ou argumentar se era um racista biológico, social ou empírico.

Mas nota-se o que aí se encerra. Os proponentes desse argumento gostariam que acreditássemos que Abraham Lincoln fora um *bom* racista. Que fora – meu Deus! – um racista *experimental*. Como, pois do Terceiro Reich e do Primeiro e Segundo Sul da América, e África do Sul, alguém pode dizer isso? Um homem que condena toda uma raça e a exclui das regras básicas do contrato social – o direito de votar, ser jurado e freqüentar escolas – não é um bom racista, e que se não fora chamar-se Abraham Lincoln diríamos que não se tratava de um homem bom. Se em adição esse homem propõe, concretamente – não vagamente ou experimentalmente – purificar etnicamente o país, deportando todo um

povo por causa de sua raça, diríamos que ele sequer compartilha nosso sentido de humanidade.

Conor Cruise O'Brien faz um comentário extremamente perceptivo, ao dizer que os piores racistas são os que ficam a contar – aqueles que estão permanentemente a enumerar as razões pelas quais os grupos oprimidos são inferiores aos opressores. George Washington, que foi um racista em outros patamares, não foi, assevera O'Brien, um racista contador, como foram Thomas Jefferson e Abraham Lincoln. Esses foram, nas próprias palavras usadas sobre Jefferson, “o tipo clássico de racista ansioso por identificar características [cor, intelecto, moralidade, estética] que pudessem ser interpretadas como indicativas de uma inferioridade genética” e como razão porque os negros deveriam ser oprimidos.

A imagem que Lincoln gravara dos negros, em grande parte, se devia aos menestréis e aos espetáculos burlescos para homens. Assim, ele nunca conseguiu superar a idéia recamada de que o típico negro era aquele dos espetáculos mambembes, com negros sonoros, divertidos, descomprometidos e loquazes. Pessoas que o observaram no dia-a-dia e ouviam-no falar publica e privadamente, afirmavam que menosprezava os negros, divertindo-se e ridicularizando-os. Donald afirmou que “Lincoln jamais os descreveu [os negros] como indolentes ou incapazes de manter um trabalho”, mas Lamon, que lá estava e que ouviu as palavras vindas da boca de Lincoln, disse que o décimo sexto presidente “alegava que aqueles que foram incidentalmente libertados pelas tropas federais eram pobres de espírito e preguiçosos”, e “tão dóceis no serviço da Rebelião quando as mulas que puxavam o arado nos campos ou os carregadores de malas nos trens”. Não é de espantar, disse Lamon, que “com tais perspectivas honestamente formadas... ele ansiava por vê-los transferidos para o Haiti, América Central, África ou outra parte qualquer, afastando-os de qualquer modo que pudessem vir a participar do governo de *seu* país”.

Tudo isto por uma escola experimental.

Não menos censurável é a Escola Todos Eram Racistas, que afirma que todos, ou quase todos, no século dezenove eram racistas, não sendo natural esperar-se que Lincoln

fosse uma exceção. Ignorando brancos como Zebina Eastman¹³⁴ e Wendell Phillips, essa escola diz que Lincoln foi um homem de seu século, o dezenove, e deve ser julgado pelos padrões dessa época, como se liberdade fosse definida por datas, como se igualdade fosse inventada por Thurgood Marshall¹³⁵, como se as palavras-N houvessem sido inventadas por Mark Fuhrman¹³⁶. Ignorando brancos como Trumbull, que se elegeu sem apoiar a escravidão no Sul e a caçada humana no Norte, dizem que se Lincoln não houvesse se comportado como um racista no século dezenove, não teria alcançado no século seguinte a confortável posição de símbolo integracionista para ser louvado.

Essa defesa admite o ponto essencial e força os defensores de Lincoln como Oates¹³⁷ a defendê-lo usando palavras que o acusam. Justificando certo voto de Lincoln na Assembléia de Illinois contra o voto dos negros, Oates diz que “a opinião pública era quase que universalmente contra a outorga de direitos políticos aos negros, e o jovem Lincoln, que havia sido eleito para operar no sistema vigente, não iria arruinar sua carreira apoiando o voto para os negros”.

A psicologia é hábil e a descrição do oportunismo de Lincoln é devastadoramente acurada. A questão que resta é saber se Oates defendia ou atacava Lincoln, posto que não se possa dizer algo mais aviltante a respeito de um homem do que ser eleito para trabalhar num sistema que condena quatro milhões de pessoas à escravidão e prescreve como crime um cidadão negro estabelecer-se em seu Estado.

¹³⁴ - Zebina Eastman, editor de *Western Citizen*, jornal abolicionista de Chicago.

¹³⁵ - Primeiro afro-americano nomeado como juiz associado da Suprema Corte dos Estados Unidos, em 1967.

¹³⁶ - Detetive testemunha de acusação no caso em que o famoso esportista e artista Orenthal James Simpson (O.J. Simpson) foi acusado de duplo homicídio, julgado e declarado inocente.

¹³⁷ - Benjamin Thomas-Stephen Oates, biógrafo de Lincoln.

É notável assinalar-se, pessoas que dizem que Lincoln mentiu e fingiu ser racista para eleger-se não se dão conta de que a desculpa é quase tão grave quanto seus atos, pois não fica claro se é melhor mentir para conseguir ser eleito do que honestamente confessar racismo. A defesa, a mais, é inteiramente insuficiente, uma vez que Lincoln disse a mesma coisa em Ohio quando não concorria a qualquer cargo e em Washington após haver sido eleito presidente. E Strozier¹³⁸ está certo quando diz que “seria ingênuo ignorar o racismo essencial que instruiu os pensamentos de Lincoln toda vez que se pronunciou”.

Não é fácil ser um defensor de Lincoln, como provou involuntariamente Fehrenbacher, quando elaborou a mais engenhosa defesa de todo o catálogo de Lincoln. Confrontado com a Confissão de Charleston, na qual Lincoln diz que oprimiu a cidadania negra e direitos iguais, Fehrenbacher disse que “se ele [Lincoln] houvesse reagido diferentemente em Charleston e noutras partes, o Lincoln da história simplesmente não existiria”, significando, se as palavras têm algum sentido, que se Lincoln não se tivesse mostrado a favor da supremacia dos brancos e da separação racial no século dezenove, não seria, no século vinte, um símbolo nacional de irmandade e integração; querendo dizer, se as palavras têm sentido algum, que racismo é historicamente defensável desde que um trágico assassinato e fabricantes de mitos transformem no oposto o que realmente era.

¹³⁸ - Charles B. Strozier, pesquisador de Lincoln (Em: *Lincoln's Quest for Union*).

Além de tudo isto, o argumento, mesmo engenhoso, é insuficiente. Não existe evidência; jamais haverá evidência o bastante para provar que Lincoln *teve* de dizer as coisas específicas que disse na Confissão de Charleston e noutros lugares, a fim de conseguir se eleger. O que disse, de fato, perdeu a eleição e foi quando muito de importância marginal para os agentes da escolha dos candidatos presidenciais, que desejavam um elemento conservador, com uma imagem pública à direita de Chase¹³⁹ e Seward¹⁴⁰, e que se mostravam mais impressionados pelo tom de seu discurso no Cooper Institute¹⁴¹ do que na sua Confissão de Charleston. Podemos afirmar, ao contrário, que o dito por Lincoln, em Charleston, e noutras partes, foi além do que a situação exigia, mesmo por questão de política real, e que a história, apesar dos historiadores omissos, nunca o deixou isto esquecer. A mesma coisa pode ser dita com relação aos desnecessários pronunciamentos sobre um “desgosto natural” a respeito de sexo entre negros e brancos; sua referência aos mexicanos, como “*mongrels*” e palavras-N, e a quixotesca campanha pela colonização. Mas isso não importa. Para um homem que usa subterfúgios raciais de forma a se eleger e que apóia a caça de homens, mulheres e crianças, por sua ambição, nada nos tem a dizer, não importa quantos historiadores cantem suas glórias.

Se examinarmos essa defesa mais perto, concluiremos que a mais inarticulada premissa de todas as escolas de Lincoln é da justificação de políticas raciais *contemporâneas*, através da defesa do conservadorismo de Lincoln, e sua oposição à imediata, geral e real liberdade para os negros. Benjamin Thomas¹⁴² coloca-se no lugar de Lincoln e escreve: “Deve-se ser realista sobre a escravidão, pensou Lincoln”. Onde ouvimos isso antes? Era o que diziam os segregacionistas e seus aliados liberais nos dias da segregação. Isso é o que os segregacionistas e seus aliados liberais sempre disseram. Lord Charnwood, biógrafo inglês de Lincoln, denunciou “o frio pedantismo” do secretário do

¹³⁹ - Salmon Portland Chase, jurista e historiador..

¹⁴⁰ - William Henry Seward, senador, no século 19, pelo estado de Nova York.

¹⁴¹ - *Cooper Institute*, é fundado em 1829, em Nova York, por Peter Cooper. Transformado adiante em Sindicato Cooper desenvolveu intenso programa de educação de adultos.

¹⁴² - Em “*Lincoln Honor and other Essays*”.

Tesouro, Salmon P. Chase, e outros que criticaram Lincoln”, com base em algum direito natural ao sufrágio, de todos os seres”. “A verdadeira política”, disse Charnwood, pensando em termos da África do Sul de seu tempo, era “sem dúvida à adotada por [Cecil] Rhodes e outros estadistas, na Colônia do Cabo [África do Sul], e que Lincoln defendia para a Louisiana”.

Em traçando esse estranho e justo paralelo entre o que Lincoln tentava implantar na Louisiana e o que Rhodes tentava implantar na África do Sul, invocando inarticuladas premissas de sua classe, Lord Charnwood lembra-nos que a maioria, dentre os mais destacados intérpretes de Lincoln, escrevia sob a perspectiva de que Abraham Lincoln, que apoiou a escravidão no Sul e Leis Negras em Illinois, qualificava-se como um branco. Escrevendo, assim, nesse aspecto, ou seja, da perspectiva da cautela, político conservadora, a maioria dos estudiosos de Lincoln – bem-postos, conservadores, homens cautelosos – tornam-se cúmplices acadêmicos da opressão e escravidão que ele apoiou.

Mas que fique bem claro, ainda outra vez, que quando digo *branco*, neste contexto, estou me referindo a uma categoria política, ou melhor, epistemológica, baseada não no nascimento, mas num comprometimento consciente ou inconsciente a um ilegítimo e privilegiado espaço político e a uma ilegitimamente privilegiada coletividade *cujá histórica existência é uma decorrência de certos e irreversíveis eventos históricos* – o tráfico de escravos africanos, a escravidão americana, o holocausto indígena e a segregação racial.

As pessoas estão sempre dizendo, como já vimos, que não viviam *então*, não importa o *então*; elas não são responsáveis pela escravidão. Isso é uma equivocada compreensão da história e tempo, pois a história de que tratamos aqui versa sobre escritos, construções, noções e conceitos, e não podemos, não importa o que façamos, como disse Lincoln, num ditado que ele mesmo não compreendeu, fugir da história que herdamos e daquela que vivemos. A responsabilidade, desde este ponto privilegiado, é pessoal. É a consciente, deliberada e permanente identificação com essa história, por homens e mulheres vivos, que prática e efetivamente assumem, por ela, responsabilidade, dizendo

*NÓS*¹⁴³ nesta história. Por consequência, conectam a opressão do presente e do passado à necessidade – palavra e noção de Lincoln – de futura opressão.

Opressão, em outras palavras, é o inferno, e exige a cada um, a ela relacionado, examinar suas escolhas a cada momento, particularmente suas preferências na Guerra Civil, pois nada mais acuradamente revela a escolha dele ou dela, na atualidade, do que à feita no mundo de Lincoln.

Alguém dirá, mostrando suas cartas, que isso é um absurdo. Como poderia um branco ter outra perspectiva? Bem, vejamos. Abraham Lincoln disse que numa escolha entre a raça branca e praticar justiça, escolheria a primeira. Wendell Phillips afirmou que numa escolha entre a raça branca e a justiça, escolheria o direito.

Lincoln disse, num discurso que ninguém cita, que quando uma casa está em chamas, “pode haver senão duas posições: permitir que o fogo se alastre ou extingui-lo. Lincoln esqueceu esta verdade, como se esqueceu de tantas outras, mas não há qualquer motivo para que nós devamos isso esquecer.

Muitos, talvez a maioria, estudiosos de então, viam Lincoln, Robert E. Lee e o general George B. McClellan¹⁴⁴ através de lentes que os colocavam entre moderados e conservadores, com uma tendência, automática e predisposta contra “extremistas de ambos os lados”, repentinas e revolucionárias mudanças sociais”.

É pesaroso, de qualquer modo, que tantos especialistas alardeiem suas tendências em livros que ganharam altos lauréis e que são elogiados mesmo por alguns negros. Os autores de, pelo menos, três dos mais importantes livros a respeito de Lincoln (Nicolay e Hay, Herndon, Thomas) chamam os índios de “selvagens”: “O que assombrava todos [por todos queria dizer os brancos do Sul nas eleições de 1860] era o fantasma do negro selvagem rondando o país descontroladamente...”

¹⁴³ - No original, desta como em outras vezes, aparece o pronome nós WE, assim grafado, numa reiterada forma de referência, no pensamento norte-americano, à sua Constituição que se inicia com WE, *Nós* o povo dos Estados Unidos... Todos, brancos, negros, índios etc.

¹⁴⁴ -George B. McClellan (1826-85), general da União, comandante do Exército em Potomac, na mesma guerra.

Em seu livro, *Conversations with Lincoln (Conversando com Lincoln)*, Charles M. Segal assinala sem contestação que “pretinhos libertos mostravam-se como um problema nos distritos militares da Federação...” Ellias P. Oberholtzer¹⁴⁵ diz-nos francamente que “os negros são uma raça de gente inferior”.

Numa magna preleção e num livro muito citado, J. G. Randall¹⁴⁶, que foi aclamado “o maior estudioso de Lincoln em todos os tempos”, recomendou a sapiência de um “preto velho”. Em seu estudo muito elogiado, em quatro volumes, o erudito diz-nos que para entenderem-se as “lealdades duradouras” dos escravos e “sua relação de fidelidade na servidão”, eles devem ser vistos “associadas a *seus* brancos”, e em ligação com “seu hábito soberbo de identificarem-se com suas famílias brancas”. É impossível, afirma, entender “esse povo”, senão em seu ambiente sulista – sulista branco, Randall quis dizer. De onde vem a palavra *seus*? Pertenciam os escravos às famílias brancas, ou as famílias brancas pertenciam aos escravos? E a questão maior dentre todas: a quem James Garfield Randall pertencia? À quantidade de estudiosos que leram suas obras e louvaram suas palavras sem contestá-las?

Não apenas alguns estudiosos de Lincoln defendem os senhores de escravos, mas implicitamente ou explicitamente defendem a escravidão. Oberholtzer introduz-nos ao que chama “o melhor lado da” escravidão, e Sandburg diz-nos que de todas as pessoas os negros escravizados eram melhores do que os brancos pobres e livres. Aos brancos pobres, afirmou, *faltavam* escravos, terra e confortos decentes que tinham os negros em suas casas...” Eram até piores do que os escravos dos campos que possuíam melhor “alimentação, vestuário, abrigo e *emprego*...”

O ponto é que *quase tudo*, sublinhe-se *quase tudo*, o que dizem os estudiosos sobre Lincoln tem conotação política. Em escolhendo nosso Lincoln – e nossa escravidão – escolhemos a nós mesmos e a nosso presente. O reverso também é verdade. Em

¹⁴⁵ - Em: *Abraham Lincoln: A History*. 1890.

¹⁴⁶ - Em: *Lincoln the President: Midstream to the Last Full*

escolhendo nosso hoje, e o *status quo* racial de nosso presente, e aceitando essa situação racial, consentimos como *status quo* do passado.

Essas considerações levam-nos um passo mais próximo da compreensão de maiores implicações da sociedade selvagem de Abraham Lincoln, que jamais cessa de falar sobre negros e escravos, e que, raramente, se alguma vez, mostra-nos verdadeiros negros ou verdadeiros escravos. A moralidade do papel de Abraham Lincoln é, de fato, o desempenho da moralidade branca, que se preocupava em primeiro lugar, não com a emancipação dos negros, mas com a salvação da alma branca. Isto explica porque, no drama, os negros não têm papéis com fala. À parte dois ou três membros a enfeitar o coral, que de tempo em tempo aparecem para dizer, *Benza, amo Lincoln*”, ou, como em Oates, “É enxerto”, nada consta nessas narrativas a indicar que os negros estivessem em cena, atuando.

Nem Frederick Douglass, tampouco H. Ford Douglass¹⁴⁷ ou John Jones¹⁴⁸, são identificados ou questionados sobre suas idéias a respeito de emancipação e direitos civis. Para ser preciso, Frederick Douglass é citado episodicamente, e nunca relacionado a uma análise independente da ação principal, e nunca a respeito de Lincoln que ele disse era “preeminentemente o presidente dos brancos”. Mesmo assim, a maioria dos estudiosos brancos sentem-se obviamente desconfortáveis ante o pensamento de Douglass. Um erudito, que não será nomeado aqui, denuncia Douglass por seu desaforo em criticar Lincoln. Sandburg refere-se a Douglass repetidamente como “mulato”, e desvia-se para comentar seu “penteado à Pompadour”, o que era um relato seletivo, pois Douglass, como mostram as fotografias de seu tempo, foi um pioneiro no uso do cabelo em estilo “natural”.

¹⁴⁷ - Escravo fugitivo.

¹⁴⁸ - Nasceu livre, ficou rico e ajudava os escravos fugitivos na “Ferrovia Subterrânea”.

À parte personalidades negras, não há alcance, nessas biografias, da dimensão humana de um movimento de massas que mudou a cor da guerra. Como sulista, acho estarrecedor que desde 1865 até o mais recente especial da moderna televisão educativa¹⁴⁹, historiadores e tele pastores evangelistas identificam o Sul com a causa branca e os sulistas com os brancos do Sul, excluindo todas aquelas antigas famílias negras sulinas que se constituem na maioria em muitos Estados dessa região, inclusive na Carolina do Sul e Mississippi – e que são esmagadora presença em outros. Faz parte da tradição presumirem, no ano dois mil – como John Calhoun e Abraham Lincoln imaginaram em 1849 –, que o Sul branco é o Sul.

Não apenas ignoram os escravos negros e os ativistas, a maioria dos estudiosos de Lincoln, também desconhece eruditos negros como W. E. B. Du Bois e o militar erudito George Washington Williams¹⁵⁰. Du Bois, praticamente sozinho, organizou a história da Reconstrução; todavia, não há citação à sua obra nos dez livros mais importantes sobre Lincoln. Até o surgimento de meu ensaio, em 1968, estudiosos brancos de Lincoln não se dignavam tomar conhecimento de pesquisadores de destaque como Benjamin Quarles ou John Hope Franklin. Descobri tudo isso da maneira mais difícil; quando membro do conselho de uma importante casa de história, protestei sem sucesso contra o livreto-guia sobre Lincoln, que sequer mencionava o nome daqueles dois atuais historiadores.

Mesmo agora, historiadores negros são citados de forma esporádica e comumente em alguma matéria tangencial. É sim *de rigueur*, atualmente, usar toda a citação disponível, de negros, que seja contra meus argumentos, e praticamente todos os livros sobre Lincoln

¹⁴⁹ - No original: PBS - *Public Broadcasting Service*.

¹⁵⁰ - George Washington Williams. Historiador americano, religioso, político, advogado, conferencista e militar que foi a primeira pessoa a escrever uma objetiva, e cientificamente pesquisada, história dos negros nos EUA.

publicados a partir de 1968 dizem-nos que Douglass (Frederick) e Sojourner Truth¹⁵¹ afirmaram, de acordo com esses autores, que Lincoln fora um branco bom, que não tinha uma gota de preconceito em seu corpo, provando mais uma vez que a história *nunca* reconhece, e retira ainda mais daqueles de quem já tudo retirara.

É apenas de justiça acrescentar que os fiéis são em mesma dose renegados. Como regra, não tomam conhecimento de negros que falam sob uma perspectiva de sua raça, e como regra – Sandburg e Donald são notáveis exceções – também ignoram brancos que falam sob a ótica dos negros. Grandes líderes americanos, como Wendell Phillips e Charles Sumner, que estavam certos quando Lincoln errava, não são mencionados com freqüência, e quando são referidos, minimizam-nos por serem a favor da emancipação dos negros e do emprego no Exército de soldados negros. Esta posição POLÍTICA define os defensores da fé, que se definem, definindo Lincoln, e que se escolhem através de sua opção por Lincoln.

Finalmente existe a escola de historiadores que defendem o apoio dado por Lincoln à escravidão, baseados numa teoria de governo consensual. Lincoln, na perspectiva dessa escola, foi exemplar, posto que se opôs aos esforços daqueles que desejavam o fim da escravatura e do tráfico de escravos, no Distrito de Colúmbia, sem consentimento dos “habitantes [quer dizer os habitantes brancos] de Washington”, como registra. Donald.

Harry V. Jaffa disse, concordando, que Lincoln fez a eventual emancipação do Distrito “subordinada a uma decisão dos seus cidadãos”, significado a mesma coisa, posto que não havia cidadãos negros em Washington em 1849. Assim, Jaffa escreve, Lincoln entendeu, diferentemente dos abolicionistas “o elemento consensual exigido para um ato *justo* de governo”. Isto significa, se as palavras têm algum sentido, que teria sido *injusto*

¹⁵¹ - **Sojourner Truth** (1797?-1883) Abolicionista e feminista, nascida escrava, tornou-se livre em 1827, dedicando-se a partir de então uma líder na compra de escravos para libertá-los, e defensora dos direitos da mulher.

impedir os senhores de escravos de continuar escravizando sem dar-lhes o *direito* de votar se desejavam libertar *seus* escravos.

Essa é uma teoria engenhosa e perturbadora. Onde está escrito que as pessoas têm o direito de votar ou contra ou a favor da escravidão ou de campos de concentração? Como se aplicaria a doutrina do consenso ao *apartheid* na África do Sul e ao confinamento de ciganos, judeus e comunistas durante o Terceiro Reich? E como poderia Lincoln ou qualquer outra pessoa, defender “ o direito de consenso” dos senhores de escravos sem levar em conta que a existência desses e de um Estado escravista dentro dos Estados Unidos era baseada na negativa do consenso do (escravos e afro-americanos) governado?

Até aqui, então, nos confrontamos com uma omissão acadêmica, baseada em cinco fatores: 1) a aceitação (e aprovação) de fato da escravidão; 2) a aceitação (e aprovação) de fato de Leis Negras e desigualdade; 3) a deificação de um status quo inumano baseado na violenta opressão de algo como quatro milhões de seres; e 4) a falácia de uma opressão pedagógica, de dados imparciais e a separação do homem do contexto, o contexto da história e a história do ontem e do hoje.

Tudo até aqui e o que será apresentado nos capítulos seguintes mostra que Lincoln é indefensável em termos de raça, e que a única maneira de defendê-lo leva aos campos de concentração de indígenas, escravos, judeus, aos quarenta e um milhões de vítimas do tráfico africano de escravos e à escravidão americana.

Enfim, não há, em matéria de relações raciais, nada que se possa aprender com Abraham Lincoln, exceto o que não dizer ou fazer.

Posto que não confrontamos Lincoln, ou a nós mesmos, de modo franco e correto; porque não o confrontamos, no patamar do racismo, que instruiu tudo o que disse ou fez, inclusive a Mensagem de Gettysburg; porque não lhe indagamos a razão de proferir palavras bonitas cujo conteúdo não acreditava e não tinha intenção de torná-las reais; porque não lhe perguntamos o motivo de desejar deportar todos os negros, e fazer deste um país apenas de brancos; porque não lhe perguntamos a justificativa para excluir, a minoria negra de Illinois e a maioria negra da Carolina do Sul, de seu governo do povo;

posto que, para chegar ao que interessa, não pagamos-lhe a honra de levá-lo a sério, porque não o avaliamos do ponto alto em que se punha, e porque quase todos – autores, pesquisadores, presidentes, compositores, curadores de museus e religiosos mantiveram-se comprometidos, por mais de um século, num esforço maciço de esconder um homem e a história – ninguém, de forma convencional, diz ou escreve hoje algo completo ou relevante sobre Abraham Lincoln. Como explicar isso? Como, parafraseando o filósofo, é possível esconder o mais celebrado homem da história americana?

Tudo é válido, inclusive prêmios *Pulitzer*¹⁵² e panteões.

¹⁵² - Premio anual que destaca notáveis em jornalismo, literatura e música, instituído por Joseph Pulitzer.